

Uma nova realidade no campo

José Manuel Palazuelos Ballivián,
engenheiro agrônomo do Conselho de Missão
entre Índios - Comin, Tenente Portela, RS
cominguarita@redemeganet.com.br

Na grande luta de nossa época pelo bem-estar e libertação do ser humano das diversas formas de opressão, exploração e preconceito, está uma diversidade étnica que, apesar de origens e trajetórias distintas (e até em certos momentos conflitantes), mostram na sua história ter passado igualmente pelo sofrimento, descaço e discriminação. Ou seja, estamos falando dos povos originários, autóctones, das florestas - os indígenas; também daqueles aos quais lhes foi imposta uma outra nação - os remanescentes de quilombos ou quilombolas; inclusive os resultantes do sincretismo histórico em que dois ou mais grupos diferentes, ao se confrontarem, originaram uma miscigenação com fenômenos próprios e valores novos que foram além da simples aculturação - são os castanheiros, seringueiros extrativistas, populações ribeirinhas, caçaras, pescadores artesanais etc.

Por outro lado, também se encontram alguns grupos específicos resultantes das correntes migratórias - camponeses de base familiar ou da pequena agricultura familiar que, pressionados pelos problemas políticos, econômicos e das guerras em seus países, se estabeleceram em terras que se diziam "devolutas" pelo império, o qual os induziu a ocupar áreas serranas e de fronteira e/ou de participar do plano de substituição da mão-de-obra escrava no centro do país. Estes são alguns dos grupos étnicos que fazem parte dessa diversidade e que, até os dias de hoje, continuam sem exercer a sua plena cidadania e sofrendo discriminações e injustiça social.

Atualmente, ao redor do mundo, existe uma forte pressão para expandir a idéia da uniformidade, tanto de quem produz como de quem consome, através das forças do mercado globalizante. Este efeito que a globalização da economia industrial vem provocando nas populações rurais e das matas é conhecido como "a morte das comunidades rurais". Lamentavelmente, este pensamento de uniformidade, em troca de uma diversidade biológica e cultural, não consegue compreender que foi a



As comunidades étnicas vivem uma realidade onde os recursos para a sobrevivência não são mais os mesmos

própria diversidade cultural que permitiu a sustentação dessa diversidade biológica existente e vice-versa. O perigo está em que, cada vez que se extingue uma variedade vegetal ou expressão cultural, se perde com ela todo o conhecimento tradicional de seu significado, uso e valor para a vida em si.

Tanto as comunidades indígenas como as comunidades da agricultura familiar vivem uma nova realidade, em que as condições e recursos para a sua sobrevivência não são mais as mesmas de outrora. Ao se abrirem aos outros sistemas e sociedades para realizar trocas e estabelecer novas relações, necessariamente foram obrigados a adaptar também seu próprio meio, mas não obrigatoriamente com a perda de sua identidade.

Nesse processo dinâmico, não se

pode compreender os sistemas agrícolas e alimentares tradicionais sem antes conhecer os povos que os sustentam, pois estes surgiram através de séculos de evolução biológica, social e cultural, representando experiências e lógicas acumuladas da relação e interação com o seu ambiente específico.

Usualmente, quando se fala de sustentabilidade, existe uma preocupação, sobretudo com a conservação de recursos naturais como solo, água e florestas. A perspectiva mais voltada para a diminuição das desigualdades sociais (a miséria, a fome, a discriminação e a violência, por exemplo) é ainda pouco debatida. Neste sentido, não se pode conceber um "desenvolvimento" das sociedades humanas em detrimento do sistema Natureza. Da mesma forma,

não se pode pretender proteger o meio natural às custas de intoleráveis disfunções no sistema Sociedade.

Porém, na medida em que cresce a consciência pela necessidade de se compreender melhor os problemas de uma realidade complexa, e mais especificamente daqueles que ocorrem dentro e com relação a determinadas etnias e grupos específicos, vão se manifestando também as limitações que temos quanto à disponibilidade de formas e métodos que possibilitem a realização deste tipo de leitura. Essa situação também se faz evidente quando, na procura por instrumentos de ajuda para o planejamento de projetos, nos deparamos com alternativas que comumente consideram os problemas de forma fragmentada ou compartimentalizada.

Parece que os problemas naturalmente são sistêmicos, o que significa que estão intimamente ligados e são interdependentes - eles não podem ser entendidos no âmbito da metodologia fragmentada. Ao buscar uma abordagem integrativa, entendemos que, por exemplo, o futuro do sistema alimentar de uma comunidade indígena ou de um agricultor familiar constitui um problema tanto agrônomo e ecológico quanto etnológico, sociológico, econômico, político etc.

Um conceito mais adequado de etnosustentabilidade poderá ser construído com uma abordagem interdisciplinar, através da análise holística dos problemas, promovendo-se assim uma análise alternativa na necessidade de vencer o pensamento linear e a visão reducionista.

o recado da terra

Ano XIII, número 27 Julho de 2005

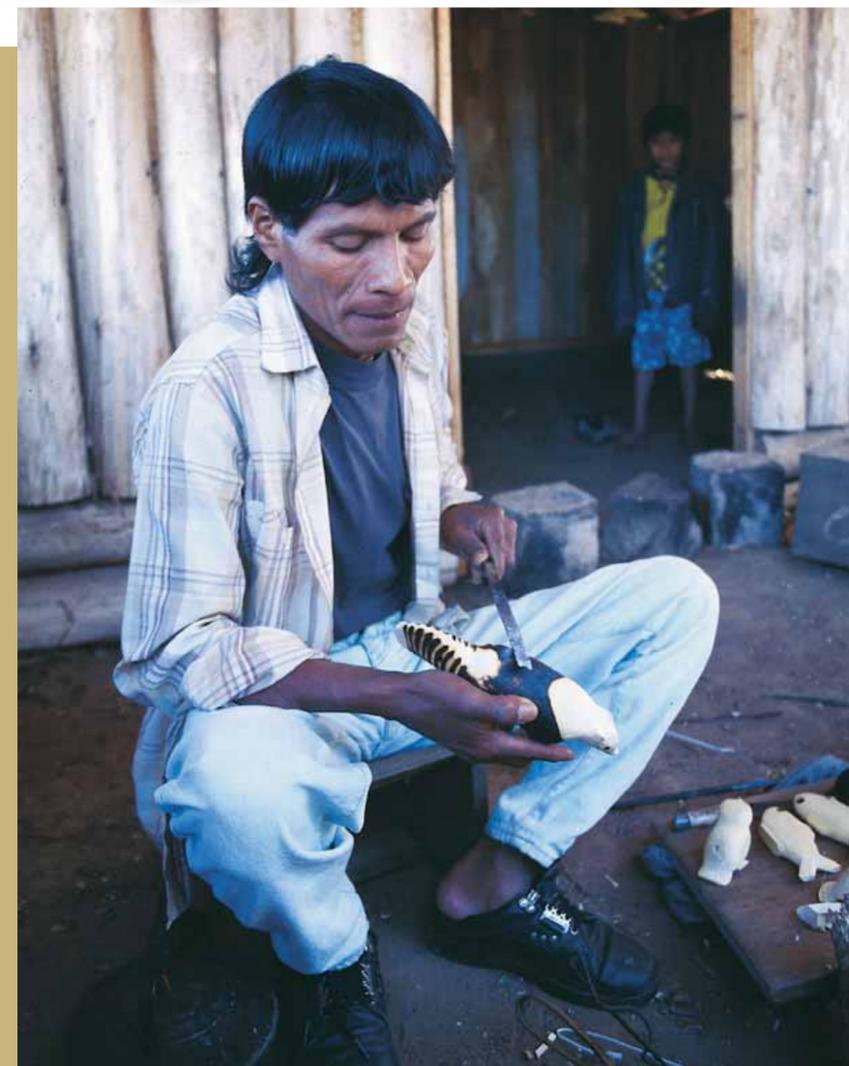


Carta de São Lourenço reflete a posição sobre etnosustentabilidade

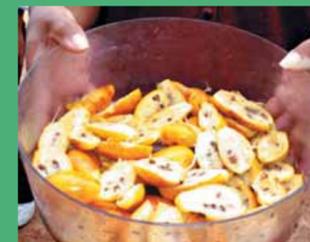
Nos últimos anos, o Capa incorporou nas suas prioridades institucionais algumas práticas relacionadas a questões étnicas. A partir daí, passou a atender comunidades com perfis específicos que não são contempladas e nem valorizadas como verdadeiras protagonistas na construção de modelos de desenvolvimento alternativos. Entre estas, estão as comunidades quilombolas, indígenas e de pescadores artesanais. Tais comunidades são ilhas de resistência à globalização que prega um mundo "homogêneo, padronizado e sem diferentes". Diante dessa realidade, e frente à ameaça do desaparecimento das comunidades tradicionais - indígenas e não-indígenas, o Capa condena a orientação social e econômica vigente, que apóia políticas globais e homogeneizantes e desconsidera todo e qualquer interesse dos excluídos.

O Capa professa que a diversidade - não apenas biológica mas também cultural, étnica e religiosa - é decisiva para a manutenção da vida. Sem diversidade é impossível construir independência e autonomia. Isto significa levar em conta a maneira com a qual as comunidades lidam com a realidade: sua língua, histórias, religiosidade, crenças, tecnologia, relações de poder, entre outros.

O Capa afirma a necessidade de uma reaproximação com culturas tradicionais, buscando em primeiro lugar escutar e aprender, reconhecendo os seus saberes e tradições. A diversidade étnica só pode ser garantida com a sobrevivência destes grupos. Para mantê-los, é fundamental entender e respeitar os conceitos e os valores de ocupação, produção e economia de cada população. (A Carta de São Lourenço foi publicada pelo Capa no encerramento do IV Seminário Temático).



O diálogo entre as diferenças



Saúde comunitária e plantas medicinais no projeto dos quilombos



Unificando o recado

Estamos repassando a vocês o novo Recado da Terra! Com apresentação visual diferenciada, ele passa a ser o jornal do Consórcio Capa. Ou seja, pela primeira vez, está circulando entre todos os cinco núcleos – Sul (Pelotas e São Lourenço do Sul), Erexim, Santa Cruz do Sul, Marechal Cândido Rondon e Verê, buscando unificar a Comunicação e apresentar fatos e histórias que sejam de interesse de todos.

Neste número, apresentamos o tema especial – Etnosustentabilidade, que foi tratado no último encontro temático, realizado em São Lourenço do Sul – RS. Depois dos quatro dias de trabalho, a pergunta que ficou para ser respondida é: como os outros nos percebem e como eu percebo os outros? Como se dialoga com os diferentes? Este é o grande desafio que se impõe ao Capa para os próximos anos.

Lembramos que o espaço do leitor, nesta mesma página, está aberto a responder sobre questões da agroecologia. Encaminhem perguntas, dúvidas ou boas idéias para serem compartilhadas. Desejamos a todos uma boa leitura!

o recado da terra

O Recado da Terra é uma publicação do Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor – Capa, que está ligado à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil.

Núcleos e coordenações

Núcleo Erexim/RS – Ingrid Giesel
capa-erexim@capa.org.br

Núcleo Marechal Cândido Rondon/PR – Vilmar Saar
capa-rondon@capa.org.br

Núcleo Santa Cruz do Sul/RS – Jaime Weber
capa-santacruz@capa.org.br

Núcleo Sul/RS – Rita Surita
capa-pelotas@capa.org.br

Núcleo Verê/PR – Rome Schneider
capa-verê@capa.org.br

Jornalista responsável: Susanne Buchweitz (Reg. prof. 5788)

Projeto gráfico e editoração: Cristina Pozzobon

Fotografias: arquivo Capa e Daniel Hammes (capa e páginas centrais)

O Recado da Terra circula duas vezes ao ano. Esta edição foi impressa em julho de 2005. Para mais informações, acesse www.capa.org.br

Instituições parceiras do Capa

Fundação Luterana de Diaconia – FLD e Serviço das Igrejas Evangélicas na Alemanha para o Desenvolvimento/ Evangelischer Entwicklungsdienst – EED



Homeopatia nas plantas funciona mesmo?

Quem responde é Darci Tomm, agricultor de Marechal Cândido Rondon – PR. Ele é casado com Neusa e pai de Mairo, 9, Mairin, 4 e Meiri, 2. A família trabalha numa propriedade de 18 hectares – planta cereais, verduras e frutas. “Começamos usando homeopatia em casa, pois nossa filhinha tem uma doença chamada neurofibromatose. É uma doença genética e não tem cura na medicina tradicional. Me interessei pela homeopatia como uma possibilidade e fui atrás de informação. Li material, fiz um curso de biodinâmica. Mais tarde, passei a aplicar homeopatia nas plantas e nos animais. No ser humano e nos animais, o resultado é visível mais imediatamente”, diz.

Darci vem utilizando os preparados homeopáticos para equilibrar e melhorar a fertilidade do solo. “Na terra e nas plantas, o processo é mais longo. Mas funciona”. Ele já usou homeopatia na cultura do trigo buscando diminuir o ataque do caruncho e traças; e no controle do pulgão do repolho. Ao ser tratada, a planta resiste à praga. “Parece engraçado, mas as



Darci começou a usar homeopatia com a sua filhinha

plantas reagem exatamente como o ser humano. Quando aplico um produto, pode acontecer que 99% das plantas aceitam e uma ou duas no meio não respondem. No caso do pulgão do repolho, por exemplo, já aconteceu que a homeopatia funcionou na maioria das plantas, mas numa e noutra, não.” Outro exemplo é o da couve-flor, que tem a praga mas o ataque não é tão severo. No solo, está usando homeopatia em

praticamente toda a área.

“Se fizer os cálculos, é um absurdo o que a homeopatia pode fazer: com cinco gotas, eu trato um alqueire. Muita gente não consegue entender isso. A gente que está mexendo e acredita no processo enxerga a evolução. Acertar a medicação é o grande segredo, tudo depende do sintoma e da dose aplicada. É que nem qualquer outro medicamento na gente – de menos, não cura, demais, mata.”

O que é homeopatia?

Quem responde é a engenheira agrônoma Márcia Vargas Toledo, da Emater/PR, que atua em parceria com o Capa no núcleo de Marechal Cândido Rondon. “O termo ‘homeopatia’ deriva de duas palavras gregas: *homeo* (semelhante) e *pathos* (sofrimento). Foi desenvolvida no século 18, por um médico alemão chamado Samuel Hahnemann. A homeopatia clássica é geralmente definida como um sistema de tratamento médico baseado no uso de diminutas quantidades de remédios que, em grandes dosagens, produzem efeitos semelhantes aos da doença que está sendo tratada. Hahnemann acreditava que doses

bem pequenas de um medicamento poderiam ter efeitos curativos poderosos porque sua potência poderia ser afetada por uma agitação vigorosa e metódica (succussão). O aumento de potência através da agitação vigorosa foi chamado de *dinamização*.

São usadas comumente duas escalas de potência: a decimal, que cresce em passos de 1:10, e a centesimal, 1:100. Partindo-se de uma planta é um extrato alcoólico, faz-se uma diluição de 1:10 ou 1:100. Esta é dinamizada e a solução resultante é chamada de primeira potência. Ela agora serve como ponto de partida para o próximo passo da diluição e succussão, que resulta na segunda potência,

e assim por diante. As potências de 1:10 são geralmente indicadas como “D” e as de 1:100 como “CH”. Assim, Pulsatilla 6CH é a sexta potência centesimal pelo método Hahnemanniano, significando que foi dinamizada seis vezes e tem uma concentração de uma parte em um trilhão.

No Brasil, o reconhecimento de sua eficácia vem desde da época do Império, mas só em 1980, é que ela foi reconhecida pelo Conselho Federal de Medicina, e em 1990 passou a constar do Conselho de Especialidades Médicas da Associação Médica Brasileira, deixando assim de fazer parte das terapias alternativas.”

Produtos ecológicos na rede Zafari

O feijão de marca “Pomerano” está sendo comercializado numa grande rede de supermercados, a Rede Zafari, desde o ano passado. Produzido no interior de São Lourenço do Sul - RS por agricultores familiares ecológicos pomeranos e comercializado através da Cooperativa Mista dos Pequenos Agricultores da Região Sul - Coopar, o produto tem a certificação da Rede Ecovida. Outra cooperativa que está colocando seu açúcar mascavo nas prateleiras da Rede Zafari é a Cooperativa dos Agricultores Familiares Agroecologistas Solidários - Cooperfas. A marca da Cooperfas é Seiva Ecológica. Anote!



Troca de cadeiras

O engenheiro agrônomo Jaime Weber (acima na foto) assumiu a coordenação do núcleo de Santa Cruz do Sul, no lugar de Sighard Hermany. A mudança foi uma definição da equipe, aprovada pelo Conselho do próprio Capa. “É uma opção de fazer um rodízio da coordenação, a partir de avaliações anuais, com possibilidade de continuidade de até quatro anos”, esclarece o novo coordenador. Ao engenheiro agrônomo Sighard Hermany, fica o agradecimento pelo trabalho realizado.



Destaque no site da EED

A Fundação Luterana de Diaconia repassou à coordenação do Consórcio uma mensagem vinda da EED – *Evangelischer Entwicklungsdienst*, dizendo que o Capa aparece em destaque no site da instituição alemã. O site – www.eed.de –, que foi totalmente remodelado, traz uma matéria sobre o trabalho do Capa, junto com duas fotos do livro O Tempo Compartilhado.

Notícia nacional

Em agosto de 2004, o núcleo Santa Cruz do Sul recebeu a visita do jornalista Mario Cesar Carvalho, da Folha de São Paulo, um dos mais importantes jornais brasileiros. Ele ouvira falar de um grupo de agricultores trabalhando com o ecológico na região onde o fumo é o grande carro-chefe. Resultado: uma matéria de duas páginas e meia, com o título “Agricultor troca fumo por horta ecológica.”

O jornalista ouviu falar da experiência do Capa através do professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, economista Marco Antonio Vargas, que pesquisa a economia do tabaco. “Os agricultores ecológicos conseguiram mostrar que é possível encontrar alternativas ao fumo no maior pólo da indústria do cigarro. Há dez anos, isso seria impensável”, afirmou o professor. Ele está preparando um estudo sobre Santa Cruz do Sul para a Organização Mundial da Saúde – OMS.

A OMS tem interesse por essa experiência por causa da Convenção-Quadro. A convenção, aprovada por 193 países em 2003, busca reduzir o tabagismo e prevê a substituição do fumo por outros cultivos para diminuir a oferta de cigarros.

Capa na universidade

O Capa tem sido objeto de vários trabalhos de universidades. Um deles é “A Apropriação da Internet por Agentes Coletivos: Caso do Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor – Capa”, onde a mestranda em Extensão Rural da Universidade Federal de Santa Maria, Cristiane Camargo da Silva, estuda o site www.capa.org.br. Cristiane está fazendo sua pesquisa com apoio do núcleo Erexim.

Um segundo trabalho, intitulado “A construção social de uma identidade: um estudo nas organizações ecológicas em duas regiões do RS”, foi feito pelo professor da Fundação Universidade de Rio Grande, Márcio André Leal Bauer, junto aos núcleos de Santa Cruz do Sul e Pelotas. Ele busca saber como a agroecologia pode contribuir para a construção de uma identidade cultural, étnica e social.

Rede de alerta I

Você já ouviu falar na Rede de Ação em Praguicidas e suas Alternativas da América Latina – Rap-AL? Fundada em 1983, é o centro regional para a América Latina da *Pesticide Action Network – Pan*, que também tem escritórios na África, Ásia, Europa e América do Norte. É uma rede de organizações, instituições, associações e indivíduos que se opõem ao uso maciço e indiscriminado de agrotóxicos, buscando alternativas para reduzir e eliminar o seu uso. Apóia alternativas viáveis para o desenvolvimento de uma agricultura socialmente justa, ecologicamente sustentável e economicamente viável, que permita alcançar a soberania alimentar dos povos. O Capa passou a integrar a rede internacional em 2003, depois de participar em uma reunião no Paraguai.

Rede de alerta II

A atuação de Rap-AL se dá através de campanhas de alerta sobre os perigos do uso de pesticidas em nível rural e urbano e a sensibilização da sociedade civil a respeito dos impactos da agricultura convencional sobre os ecossistemas e as pessoas. Uma das mais conhecidas é o Dia Internacional do Não ao Agrotóxico, que acontece no dia 3 de dezembro de cada ano.

Em vários países a Rap-AL ajuda na mobilização para o cumprimento do Convênio de Estocolmo sobre Contaminantes Orgânicos Persistentes – COPs; os químicos mais tóxicos que existem no planeta, entre eles as dioxinas e certos praguicidas clorados.

Ainda, Rap-AL organiza uma série de eventos e publicações relativas ao tema. Manejo ecológico de pragas e doenças e manejo ecológico do solo são alguns dos temas abordados nas publicações.

Outras informações podem ser encontradas no www.rap-al.org/v2. Ali também está disponível um banco de dados sobre pesticidas e os regulamentos nacionais de vários países da América Latina.

A seção do leitor serve para responder dúvidas sobre produção agroecológica. Escreva para nós ou entregue suas questões para os técnicos do Capa.



Dona Fiinha conhece inúmeras plantas medicinais

cinas. E conhece plantas medicinais como ninguém. “Esse aqui é confrey, que vai na pomada milagrosa, este aqui é bom para o estômago, este aqui é bom para acabar com a ardência nas vistas, este aqui a gente chamava antigamente de bordão de frade, agora chama de outro nome, este aqui é boldo – boldo de duas qualidades tem aqui, esta aqui é a murtinha, daquela pequeninha, peticinha, para o estômago.” As plantas foram colhidas – “tem na beira do mato” – e trazidas pelas mulheres.

Maria Conceição Duarte Soares, filha de dona Fiinha, caminhou “um pouco mais de 20 minutos para chegar até aqui. Dos quatro filhos – Diego, 16, Rita de Cássia, 12, Carlos Miguel, 9 e Daiane, 6 – ela trouxe dois. O mais velho ficou ajudando na plantação de milho e o outro está no colégio.” “Gosto de tudo daqui”, diz ela. “A gente aprende muita coisa, especialmente sobre chás.” Jussara Neusa dos Santos trouxe o Rodrigo, 3, junto – “os outros três estão no colégio”. Ela gosta mais de fazer xarope, mas explica que “todo mundo pega junto.”

Depois de duas horas e meia de trabalho, está tudo pronto. As mulheres sentam na roda para combinar o próximo encontro, que será na casa do seu Nilson. Além disso, elegem uma delas como agente de saúde do grupo. Carmen Lúcia dos Santos foi a escolhida e assume na hora, organizando a fila para a distribuição dos fitoterápicos que foram preparados hoje.

As oficinas de fitoterapia surgiram no projeto do Capa/Quilombos devido à dificuldade de acesso destas comunidades a remédios e políticas de saúde. “Também fazemos o resgate de conhecimento e valorização das plantas que os grupos já cultivavam e produziam, inclusive ligadas à religiosidade”, explica Ledeci. “Ao associar conhecimento terapêutico e acadêmico, se resgata a auto-estima, criando uma relação saúde-doença”, confirma Nair.

problemas de saúde, sobre os tipos de chá, tipos de plantas, e cada uma coloca os seus problemas. Os temas sempre são escolhidos a partir das necessidades do grupo.”

Maria Vitorina Soares de Oliveira, a dona “Fiinha”, fica responsável por lavar e picar as plantas. Com 75 anos, ela caminha uma hora de ida e uma hora de volta para participar das ofi-

Encontro de vizinhos

A equipe do Capa – a agente de saúde comunitária, Nair Timm Wiegand, a historiadora Ledeci Lessa Coutinho e sua filha Kizzy, 7, e o jornalista Daniel Hammes – se aproxima da casa de Maria Helena e Solimar Nascente, em Rincão do Progresso, interior de Canguçu – RS e as pessoas já abanam lá de cima do morro. São cerca de 60 mulheres que mais uma vez vieram participar da oficina de saúde comunitária, para trocar idéias e aprender sobre plantas medicinais. Muitos maridos vêm junto e enquanto esperam as mulheres, tomam chimarrão e contam “causos”, olhando a criança que brinca sem parar no pátio à volta.

Logo na chegada, Nair organiza as tarefas. “Hoje vamos embalar a tintura de própolis que preparamos na oficina anterior”, explica. Ainda, vai se fazer xarope de bananinha-do-mato, pomada milagrosa e tintura para o estômago. As mulheres se dividem nas tarefas, mas todo mundo faz um pouco de tudo. “Quando é oficina, eu proponho que cada uma faça alguma coisa, para aprender”, ressalta Nair. Em outros encontros, a agente de saúde enfoca mais a parte teórica. “Conversamos sobre

O projeto

O projeto de Apoio a Comunidades Quilombolas no Sul do Rio Grande do Sul iniciou-se em fevereiro de 2003. O objetivo do Capa é de desenvolver junto a comunidades remanescentes dos quilombos um conjunto de ações que buscam resgatar a auto-estima, valorizar a cultura e a etnia e proporcionar a busca de melhor qualidade de vida, incluindo segurança alimentar.

- População atendida: 162 famílias. São cerca de 820 pessoas em sete comunidades: Torrão e Campos Quevedos/Serrinha – interior de São Lourenço do Sul; Santo Antônio/Quilombo Maçambique e Armada, no interior de Canguçu; Arroio Bonito, São Francisco e Aliança, no interior de Pelotas.

- Por que trabalhar com os quilombos? Os quilombos constituem uma população numerosa e desassistida, fruto da história da região e do descaso na atualidade. O Capa, pela sua atuação e experiência com comunidades empobrecidas e pela metodologia adotada, assim como pela possibilidade de estabelecer parcerias com organizações dos agricultores sensíveis a esta realidade, sentiu-se desafiado a iniciar uma ação junto a essas comunidades.

O Capa no Sínodo Vale do Taquari

Prevenção na saúde é uma das principais preocupações das mulheres em geral. “Para as agricultoras, não é diferente”, confirma o engenheiro agrônomo Sighard Hermany, do núcleo Santa Cruz do Sul. “Além disso, o resgate e aproveitamento das plantas medicinais é uma questão muito presente na área rural”, acrescenta.

A partir desta perspectiva, o núcleo Santa Cruz do Sul mantém, desde o início de 2003, um projeto de Saúde Comunitária em conjunto com o Sínodo Vale do Taquari (a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB é dividida em 18 sínodos, em todo o Brasil). O projeto beneficia oito grupos, envolvendo 157 mulheres, que se reúnem uma vez por mês para trocar idéias e aprender sobre saúde e plantas medicinais.

No início, muitas eram as dúvidas sobre o uso adequado e o manejo das plantas medicinais. Mesmo assim, as famílias não queriam perder a cultura da sua utilização. “Elas aprendem sobre doenças como diabetes, problemas de pressão, osteoporose e depressão, entre outras”, conta Hermany. A iniciativa também enfatiza a questão da alimentação saudável e desafia para a produção ecológica.

Parceria

Fome Zero

Uma rede de solidariedade

Muitos agricultores ficaram felizes com o Projeto Alimentando a Cidadania, criado pelo Capa no final de 2003, em Pelotas – RS, que, além de garantir a comercialização, garante também o pagamento de um preço justo. O que eles não sabem é que na outra ponta tem gente mais feliz ainda – pois muitas vezes este alimento é a única coisa que têm para comer. A idéia do projeto surgiu durante a realização de um seminário sobre agricultura familiar, no interior de Pelotas, onde o Capa ouviu de representantes da Companhia Nacional de Abastecimento – Conab que esta estaria disposta a comprar parte da produção de agricultores familiares da região para utilização no Programa Fome Zero.

Animado com a possibilidade, o Capa não perdeu tempo. Depois de muitos meses de trabalho duro, conseguiu articular, em conjunto com a Prefeitura Municipal na época, toda uma rede de cooperação que poderia ser beneficiada, incluindo os agricultores ecológicos, através de suas cooperativas e associações parceiras, e as entidades atendidas – escolas infantis, unidades assistenciais e comunidades religiosas. Como funciona? “O Governo Federal compra os produtos dos agricultores familiares através das cooperativas e estas efetuam a entrega às escolas, creches e outras instituições beneficiadas”, conta Rita Surita, coordenadora do núcleo Sul do Capa.



Equipe de voluntários é composta por membros luteranos da Comunidade Vila Peres

É assim que a família Wicboldt – casal Orlando e Lili e filhos Débora, 16, Oséias, 11 e Éster, 8 – moradores em Arroio do Padre – RS, sem mesmo saber, tem conexão com o casal Celda e Lindolfo Neumann (na foto, Celda é a terceira da esquerda para a direita, sentada, e Lindolfo é o quarto, da esquerda para a direita, de pé) e com a família de Maria Luisa da Silva, de Pelotas. Como? Os Wicboldt produzem e comercializam produtos para o Fome Zero; os produtos saem da sua propri-

idade e vão para a Sul Ecológica; a Sul Ecológica distribui para instituições beneficiadas, uma destas a Comunidade Vila Peres, da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB; lá, um grupo de 20 voluntários – entre os quais Celda e Lindolfo – preparam e distribuem sacolas para 200 famílias; uma destas famílias é a da dona Maria Luisa: avó de Leandro e Leonardo. Ela tem mais quatro netos: no total, são seis crianças para alimentar, mais ela e a filha que está desempregada. “A sa-

cola nos alimenta”, confirma.

Em 2004, o projeto Alimentando a Cidadania distribuiu 1,3 mil toneladas de alimentos, atendendo cerca de 30 mil pessoas. Em 2005, o projeto vai ampliar a sua abrangência para mais dois municípios, perfazendo um total de três: Pelotas, São Lourenço e Santa Vitória do Palmar. Cerca de mil famílias de agricultores, incluindo quilombolas e pescadores artesanais profissionais, estarão comercializando os produtos.

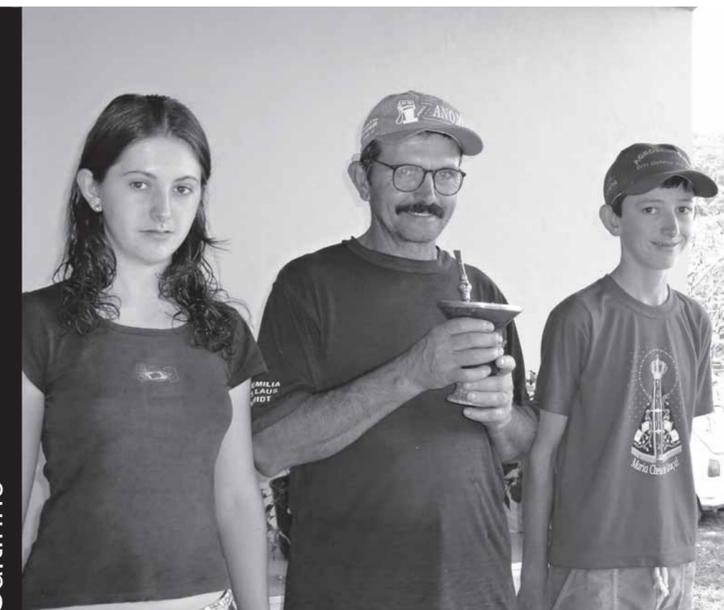
Santa Catarina

Com uma dimensão um pouco menor, o projeto Fome Zero também acontece em Saltinho – SC. “O funcionamento é o mesmo, os produtos são comprados dos agricultores familiares ecológicos e entregues para a merenda escolar”, relata Ingrid Giesel, coordenadora do núcleo Erexim, ao qual está ligado a extensão Saltinho. “Nossos 250 alunos de pré a 4ª série têm acesso a alimentos de qualidade, sem agrotóxico e comprados aqui no município”, comemora a diretora do núcleo escolar, Delci Wagner Szymanski.

O casal Sganzerla, Valtencir e Ernilda, também participa do Programa Fome Zero. O filho mais novo, Ivan, 17, acompanha o pai nas tarefas com total interesse. O filho mais velho, Edivan, 28, trabalha como camioneiro mas está “louco” para voltar para casa. O casal tem mais uma filha, Elizângela, 19. “Comecei a praticar agroecologia faz um ano. Durante 10 anos, plantei fumo. O lvo me convidou para participar de uma reunião do Capa, depois participei de visitas a propriedades ecológicas e me interessei”, conta Sganzerla. “Ecológico pode dar mais trabalho mas também é mais rentável”, confirma.

O objetivo dele é produzir leite orgânico. “Para isso, estou investindo na pastagem.” Atualmente, o agricultor tem na sua propriedade batata doce, mandioca e milho orgânico. Cuidadoso com a questão da preservação das sementes, Sganzerla planta o milho crioulo branco. “Se produzo 40 sacas de milho, 5 fico para semente”, confirma.

Saltinho



Elizângela (esquerda para direita), Valtencir e Ivan na frente de casa



Guaranis participaram do encontro realizado em São Lourenço do Sul

A questão da etnosustentabilidade

Os integrantes dos cinco núcleos do Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor - Capa - estiveram reunidos nos dias 22 a 26 de novembro de 2004 em São Lourenço do Sul - RS, discutindo o tema Etnosustentabilidade. O encontro foi acompanhado pela Fundação Luterana de Diaconia, através da assessora programática Ana Cristina Kirchheim. A equipe do núcleo Sul do Capa coordenou a realização do evento.

Além das visitas e da troca de experiências, o ponto alto foi a palestra sobre etnosustentabilidade, realizada pelo zootecnista José Manuel Ballivián, o Manolo, do Conselho de Missão entre Indígenas, que trabalha em parceria com o Capa. "Quando se fala em etnosustentabilidade, se fala em cultura, diversidade e sustentabilidade. Não se pode entrar em contato com uma cultura sem fazer uma avaliação global da mesma", confirmou

Manolo. "É preciso observar os aspectos econômico, ambiental e sócio-cultural como partes que possuem ligação direta."

Para iniciar o assunto, Manolo trouxe o conceito sobre comunidades tradicionais: são grupos humanos culturalmente diferenciados que, historicamente, reproduzem seu modo de vida, de forma mais ou menos isolada, com base em modos de cooperação social e formas específicas de relações com a natureza, caracterizados tradicionalmente pelo manejo sustentado do meio. "São ilhas de resistência", disse o palestrante. Grupos tradicionais que resistiram à homogeneização da sociedade. "A diversidade é de fundamental importância para se manter a vida. No Brasil, quando se fala em etnias, ainda se refere muito a populações indígenas. No entanto, os pomeranos também são uma etnia e representam um sincretismo na sociedade."

Quais são as comunidades tradicionais não-indígenas hoje? "São os quilombolas, pescadores artesanais, caiçaras, jangadeiros, caboclos/ribeirinhos AM, sertanejos/vaqueiros, caipiras, açorianos varzeiros/ribeirinhos não-amazônicos, pantaneiros, pastoreio/campeiro, babaqueiros, sítiantes, praiheiros, camponeses, entre outros", confirma Manolo. No que se refere aos indígenas, são povos que guardam uma continuidade sociocultural, histórica e identitária desde antes da conquista européia da América. "Mesmo com o genocídio ocorrido no Brasil, que dizimou centenas de milhares de indígenas, ainda se mantém uma riqueza de diversidade. Isto é visível ao verificarmos o número de línguas vivas no mundo - América tem mil e o Brasil está em quarto lugar." A biodiversidade é ameaçada pela agonia das línguas e a sustentabilidade das culturas tradicionais depende da manutenção das línguas.

Diversidade de saberes

Para exemplificar a importância da diversidade dos saberes, Manolo citou as chinampas astecas (chinampas eram ilhas de cultivo, onde se plantava e colhia milho, pimenta, tomate, cacau etc) e os andenes incas (terraços agrícolas construídos em encostas para plantio - irrigados com água canalizada - ou para arrimo - patapata). No Sri Lanka é possível ver que os terraços de cultivo de arroz usam tecnologia semelhante às chinampas e aos andenes, mas esta tecnologia foi adaptada à geografia e ao clima local.

Sistemas de ajuda mútua

Muitos povos criaram lógicas distintas de economia de reciprocidade. A sua preocupação na questão da reciprocidade era mais geral - e não considerava apenas a questão do retorno (material ou financeiro). Manolo usou o exemplo dos incas no que se refere a diferentes sistemas de ajuda mútua. Os povos incas praticavam o *Ayni* - ou reciprocidade de empréstimo de força de trabalho - e o *Minka* ou *Minga* - trabalho coletivo em obras que beneficiassem toda a comunidade.

Auto-suficiência

Cada etnia tem formas distintas de ser auto-suficiente. É preciso observar a biodiversidade e garantir que estes conhecimentos sejam repassados para as crianças. "São novos tempos para as diferentes etnias", confirmou Manolo. O mundo quer ser globalizado e como os povos tradicionais são abertos, também são mais frágeis.

Desafios para o Capa

O que deve o Capa fazer para incluir os excluídos? "Será que etnosustentabilidade deve ser apenas uma opção de renda econômica?", questionou o palestrante. "Devemos lembrar que a questão comercial muitas vezes enfraquece a questão espiritual. Não se deveria nunca dissociar o cultural do econômico." O trabalho do Capa, portanto, deve estar baseado num pensamento em constante transformação, buscando a complementaridade entre os distintos saberes. "A agricultura de base ecológica deve considerar os aspectos ambiental; sociocultural; tecnológico; e econômico", confirmou Manolo.

“

Estou encantado pelo trabalho apresentado neste encontro do Consórcio Capa. Com o pleno conhecimento técnico, científico, mas também prático, natural, vital, que resgata e traz a essência da criação de Deus através da produção de alimentos somada a uma tecnologia popular, ao alcance de qualquer pessoa que queira assumir um compromisso com a plenitude da vida. O conteúdo desse seminário é algo a ser apresentado a milhares de agricultores mas também a políticos, empresários, àqueles que detêm o poder econômico e de decisão sobre nosso país. Todos deveriam poder conhecer e experimentar o que realmente é uma proposta honesta, interativa, inclusiva, que promove saúde, lazer, cidadania a todas as pessoas de maneira indistinta porém com ética, compromisso e responsabilidade.

Jorge Signorini, pastor sinodal do Sinodo Sul-riograndense, da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil - IECLB

Destaco dois aspectos fundamentais: a integração dentro da família Capa e o fortalecimento da unidade dentro da grande diversidade de contexto e públicos. Fomos corajosos

tendo a etnosustentabilidade como tema central do evento, por ser algo inovador. A diversidade de etnias é um fator que não pode ser esquecido.

Vilmar Saar, coordenador do núcleo Marechal Cândido Rondon

A importância do seminário é a construção da unidade Capa, onde deixa de ser consórcio e passa a ser o Capa, com seus núcleos e suas especificidades e, ainda assim, com uma unidade na condução do trabalho entre todos os núcleos.

Rome Schneider, coordenadora do núcleo Verê

Os encontros vêm numa evolução positiva. Possibilitamos a abordagem de temas atuais. Ao mesmo tempo há uma integração progressiva; as trocas de experiências são um ponto forte e ajudam os núcleos a enxergar o trabalho específico de cada lugar, resultando em um enriquecimento de todo o consórcio.

Sighard Hermany, ex-coordenador do núcleo Santa Cruz do Sul

De todas as coisas tratadas aqui, vejo um ponto-chave - é um impasse - a ser discutido pelo Consórcio. E este ponto é: como os outros nos perce-

bem e como eu percebo os outros? Como se dialoga com os diferentes?

Rita Surita, coordenadora do núcleo Sul

O encontro anual tem possibilitado maior visibilidade do que vem sendo realizado em cada núcleo, ao mesmo tempo em que propicia um espaço de atualização relacionado a um tema de interesse comum. Estes encontros são fundamentais neste processo de articulação, onde precisamos nos conhecer, aprender a dialogar, a interagir, a potencializar ações, a partir da prática do Evangelho e da responsabilidade cristã.

Ingrid Giesel, coordenadora do núcleo Erechim

É um espaço de integração entre diferentes setores que estão envolvidos com o trabalho que o Capa desenvolve com os agricultores familiares e suas organizações. Os seminários se constituíram num espaço de intercâmbio de experiências que cada vez mais podem aproximar os núcleos.

Jaime Miguel Weber, coordenador do núcleo Santa Cruz do Sul

”

Crianças cantoras

O grupo Tekoa Poã - aldeia Guarani Coxilha da Cruz de Barra do Ribeiro - de crianças cantoras, apresentou uma série de canções da cultura guarani na abertura do encontro. Conforme explicou o cacique Artur Souza, "os mais velhos ensinam os mais novos para não esquecer da cultura, para preservar a cultura."

Pomeranos e afro-descendentes

Durante o encontro, os participantes visitaram a Cooperativa Mista dos Agricultores da Região Sul - Coopar e o Quilombo do Torró (8º Distrito), em São Lourenço do Sul. A visita a um dos quilombos atendidos pelo Capa buscou mostrar aos outros núcleos a realidade sócio-cultural e a diversidade étnica da região sul do Estado. Todas as visitas tiveram refeições típicas das etnias presentes na região, como a culinária portuguesa oferecida pelos pescadores artesanais da Colônia Z-3 e a comida típica dos pomeranos.

Parte cultural

Para mostrar um pouco mais da cultura afro e, com isso, evidenciar a expressão cultural dessa etnia, a programação teve apresentações de grupos locais de dança, teatro e capoeira. As apresentações sempre vinham com o enfoque histórico do que cada uma significava. "Esse espaço de diferentes pessoas e etnias expressa o desejo de respeito pelas diferenças que buscamos", comentou o Agente Cultural do núcleo Pelotas, Daniel Roberto Soares.

Palestra e pesquisa

O professor Márcio André Leal Bauer, da Fundação Universidade de Rio Grande, foi convidado para apresentar a palestra Agroecologia: identidade cultural, étnica e social. Uma das suas conclusões apresentadas pelo professor Márcio: A agroecologia, enquanto movimento sustentado por organizações, apresenta uma proposta capaz de dar um novo significado às identidades dos agricultores. A identificação dos membros com a identidade do grupo é o fator fundamental para a continuidade do mesmo. Havendo essa identificação, muitos grupos transformam-se em uma verdadeira "família", onde se estabelecem laços afetivos e cooperativos.



Manolo apresentou o tema principal aos técnicos e agricultores presentes

A importância do controle biológico

A Universidade Estadual do Oeste do Paraná, através da bióloga Dra. Vanda Pietrowski, mantém parceria com o Capa desde 2002, quando foi criado o primeiro Laboratório de Controle Biológico da região. A produção inicial foi de *Trichogramma* – vespinhas – para o controle da traça do tomateiro. “Os prejuízos eram grandes – alguns agricultores chegaram a perder 70% da produção de tomate por causa da praga. A produção de *Trichogramma* reverteu o quadro”, conta o coordenador do núcleo de Marechal Cândido Rondon, Vilmar Saar.

O agricultor Livar Kaiser confirma: “Uso as vespinhas desde o início e funciona muito bem. Não é um controle 100%, mas controla tranquilo, não tem grande quebra. Antes, chegava a perder por completo duas a três safras. Agora, na primeira estufa praticamente não dá quebra nenhuma – nós plantamos em seqüência, e na quarta ou quinta estufa é que se perde, no máximo, 20% da colheita.”

A partir do ano passado, a parceria com a Unioeste foi ampliada com a instalação do laboratório de controle biológico para o percevejo da soja, pois a demanda dos agricultores orgânicos era grande. A necessidade aumentou depois que as certificadoras proibiram o uso de um composto que estava sendo usado para o controle da praga.

“Assim, junto com todos os parceiros – Capa, Itaipu, Emater, Embrapa, CNPq e associações –, buscamos recursos para iniciar as atividades deste segundo laboratório”, confirma a pesquisadora. A prefeitura de Toledo, cidade próxima de Marechal Cândido Rondon, tinha um laboratório. Como estava desativado, a prefeitura doou as gaiolas e o botijão de nitrogênio para a Dra. Vanda.

A tecnologia foi desenvolvida pela Embrapa Soja, que não consegue atender toda a demanda pela vespinha. “Além dos custos de manutenção de espaço e de técnicos, a principal dificuldade é que não é possível criar percevejos em laboratório seguidamente, por muitas gerações”, esclarece Vanda. “É preciso coletar o percevejo no campo, o que encarece o processo.”

Os percevejos são a praga de mais difícil controle na soja. “A lagarta tem um grande potenci-



Livar e Marlise aprovam o uso das vespinhas na propriedade

al de dano mas é mais fácil de controlar utilizando o baculovirus. Já os percevejos causam danos importantes à cultura, desde abortamento de flores e grãos, queda de vagens, até a diminuição do poder de germinação, alteração na taxa de óleo e de

proteína no grão.”

Entre as várias espécies de percevejos que ocorrem na soja, três são os principais: o percevejo verde grande, o percevejo verde pequeno e o percevejo marrom. “Por isso, falamos em complexo. A vespinha tem prefe-

rência pelo percevejo verde grande mas consegue controlar as três espécies.” Como no Oeste do Paraná a maior incidência é a do percevejo marrom, a idéia é futuramente criar uma vespinha que age prioritariamente sobre ele.

Uma cientista aplicada

A facilidade com que a Dra. Vanda Pietrowski lida e se relaciona com os agricultores não é por acaso. “Meus pais [João e Vitória] eram bóias-frias e compraram o primeiro sítio quando casaram”, conta ela. Até os 16 anos, morava em Boa Esperança - norte do Paraná e ajudava na lavoura. Na infância dormia em colchão de palha e tinha um porquinho de estimação chamado Schumatra.

“Desde pequena, queria ser cientista. Lembro que quando a professora falou sobre a produção da borracha, eu achei que poderia fazer borracha daquele líquido que sai da bananeira. Queimei a panela da mamãe sem conseguir nada. Às vezes passava horas observando a Natureza, dava pedacinhos de toucinho para as formigas e ia acompanhando para ver aonde elas iam.” Vanda saiu do sítio para fazer faculdade. “Meu pai sempre insistiu para estudarmos.” Dos seis filhos, uma é bióloga, outra é professora de matemática, outra é contabilista, outra é tecnóloga de alimentos, um é corretor e um é produtor.

Acabou se especializando em entomologia e em controle biológico. Não é uma área fácil. Uma das dificuldades apontadas pela pesquisadora é que

para funcionar com eficiência, os laboratórios de controle biológico deveriam ser regionais, com núcleos. “O controle biológico não é algo que se possa recomendar através de um folder. O produtor tem que ser diferenciado, conhecer a praga, conhecer a cultura, a gente tem que sentar junto, conversar, explicar os procedimentos”, afirma.

Outra dificuldade na questão do controle biológico se encontra na própria comunidade científica. “Muitos colegas me criticam pela rapidez com que liberamos o *Trichogramma* para os agricultores. Para muitos deles, eu deveria ter passado anos estudando e pesquisando-o na região, antes de liberá-lo. Eu discordo, pois esta é uma tecnologia utilizada em diversas regiões. Obviamente que a ciência precisa ter um grande rigor e o princípio da precaução tem que valer para todos os setores, em todas as condições. Mas às vezes, é muito mais fácil ficar no laboratório – onde tudo funciona de forma perfeita e controlada. Quando se vai para o campo, o produtor pergunta coisas para as quais o pesquisador precisa admitir que não tem resposta. Mas este é o aprendizado. Na área do controle biológico, acho que a comunidade científica precisa se arriscar mais.”



Décio e Neiva consideram a solidariedade fundamental para o sucesso de um grupo

A importância da cooperação

Agricultores descobrem que o trabalho cooperativado pode trazer diversos benefícios – mas para realmente dar certo, precisa trazer junto na sua proposta questões como o respeito mútuo e a solidariedade.

A Cooperativa dos Agriocultores Familiares Agroecologistas Solidários - Cooperfas, marca Seiva Ecológica, completou dois anos no dia 18 de maio. Localizada na região do Alto Uruguai Gaúcho e Catarinense, reúne quatro associações e um mo-

ininho – que está em fase de instalação. “Desde o início, nosso sonho foi de juntar mais forças, juntar mais gente”, relata Décio Martinho Agostini, sócio da Associação dos Agricultores Familiares Agroecológicos – AAFA, de Barra do Rio Azul, e presidente da Seiva Ecológica. Juntar forças significa aumentar a variedade de produtos para comercialização, unificar embalagens, ter um ponto de venda comum, entre outros. “A nossa produção não é diversificada. A AAFA, por exemplo, tem dois produtos – açúcar mascavo e rapadura. No momento em que nos unimos com outros, aumenta-

mos a variedade”, avalia Décio. Além de diversificar a oferta, outro ponto importante é a venda. “Nossos grupos são pequenos, temos inclusive falta de mão de obra. Assim, fica impossível uma pessoa de cada grupo parar para correr atrás da venda. A existência da Cooperativa facilita, pois temos um ponto de venda comum e novamente juntamos as forças para alcançar um objetivo.”

Formação é uma terceira vantagem apontada por Décio. “Todos nós fizemos planejamento estratégico participativo e certamente cada associado vai ter idéias para melhorar o funcionamento da Seiva Ecológica. Da AAFA, todos participaram das reuniões de planejamento estratégico, inclusive meus filhos”, conta Décio. “Em conjunto, planejamos a produção e também vimos questões de administração.”

Outro item a ser destacado é que está sendo trabalhado é a solidariedade entre as famílias e os grupos. “Nossa meta não é somente buscar a melhoria financeira. Também queremos fortalecer os grupos e a convivência entre eles”, avalia Décio. “Não é muito fácil, pois te-

mos pessoas de várias origens, de várias religiões, princípios diferentes.” Alguns acham que ser solidário é correto, é certo, é bonito, outros são solidários – desde que não percam nada. “É difícil conciliar, mas se cada um ceder um pouco, funciona. Com calma, com jeito, a gente vai tentando se compreender. Quem tem mais capacidade de entender entende mais, quem tem menos capacidade de entender entende menos.”



Apostando na qualidade

A Cooperativa dos Produtores Biorgânicos – Cooperbiorga foi criada em 2001, a partir da união de grupos e associações agroecológicas do oeste de Santa Catarina e noroeste do Rio Grande do Sul. “Todos os grupos comercializavam do seu jeito, individualmente”, lembra o presidente da cooperativa, Rudinei Simon da Silva. “A maioria já produzia orgânico mas tinha que vender como convencional.”

A partir dos encontros, viu-se que a comercialização conjunta teria outra força. “Inicialmente, pensamos em criar uma central de vendas virtual mas, depois, decidimos pela criação de uma cooperativa.”

A marca Biorga já estava registrada e foi cedida para uso. A Prefeitura de Mondai cedeu um espaço de 360m², por comodato, e ali se instalou o galpão de processamento com um ponto de venda. “Ficamos em Mondai por uma questão histórica, mas temos uma filial de vendas na cidade de Erval Seco, no Rio Grande do Sul”, esclarece Rudinei. Hoje, o maior problema é a falta de produto e não a falta de mercado. “Estamos vendendo para o Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo e até Rio de Janeiro”, diz.

“As vendas estão aumentando”, confirma Vilmar Sachmann, que atende na Cooperbiorga desde a sua fundação. Técnico agrícola, fez estágio na Alemanha em agricultura e foi “descoberto” pelo engenheiro agrônomo do Capa, Ivo Macagnan. “Ele e o Rudinei perguntaram se eu não queria trabalhar aqui e aceitar”, conta.

Vilmar é responsável pelo recebimento dos produtos, pelo seu processamento, pesagem e embalagem. Sua grande preocupação é com a qualidade. “A gente insiste muito com os produtores sobre isso.”

Produtor instala agroindústria de arroz

Waldomiro Schuster foi o primeiro agricultor em Santa Cruz do Sul a produzir arroz ecológico. “Antes eu plantava arroz no convencional e achei que podia enriquecer”, contou ele. “Até que me endividei completamente e não consegui pagar as contas.” Isso foi por volta do ano de 1995. Convidado por um cunhado e com o apoio entusiasmado da mulher, Liane, resolveu participar de uma reunião promovida pelo Capa. “Pensei em começar com produção de panifícios, mas logo em seguida passei a plantar verduras.”

A opção pela agroecologia se deu pela questão financeira e pela saúde. “Como estava endividado, plantando o ecológico meus custos iam baixando bastante. Além disso, uma intoxicação me pegou feio e eu mudei com mais força ainda para o ecológico”. Em 1997, passou a participar da feira e depois da loja da Ecovale. “Vi logo que estava faltando o arroz para venda.”

De produtor endividado, a situação de Waldomiro Schuster mudou completamente. “Quitei todas as dívidas, não trabalho mais com bancos, e quase todos os dias entra um pouco de dinheiro”, contou ele. “Além disso, já estou conseguindo fazer estoque de arroz para ter produto para venda durante todo o ano.”

Outra grande vitória é a instalação da agroindústria de beneficiamento de arroz de Schuster. Inaugurada em outubro de 2004, está produzindo 2.500 quilos de arroz/mês – integral e branco. “Foi uma caminhada difícil, levamos dois anos para inaugurar, mas estamos contentes”, diz o produtor. A agroindústria atende em primeiro lugar a Cooperativa Regional de Agricultores Familiares Ecológicas – a Ecovale; depois, vende para clientes em geral, inclusive em outros es-



Waldomiro e Liane: arroz em Santa Cruz

tados. “Temos clientes em São Paulo e no Distrito Federal, por exemplo”, confirmou o agricultor. “Mesmo assim, a venda poderia ser melhor.”

Para isso, ainda falta conscientização do mercado e dos consumidores. “Tínhamos acertado com uma rede de supermercados – que inclusive divulgou isso – para a comercialização do arroz ecológico, mas eles voltaram atrás.” A maior parte dos consumidores ainda não se deu conta das vantagens do produto ecológico e não faz pressão para que seja oferecido nas prateleiras”, avaliou Schuster.

Algumas dicas

- Schuster produz o arroz cateto – “Foi uma luta achar as primeiras sementes, está quase desaparecido”, contou o agricultor – e, mais recentemente, o farroupilha. O objetivo de plantar variedades “antigas” é de resgatá-las e de preservar as sementes. “Variedades antigas são muito mais resistentes e mais fáceis de criar.”
- Schuster dá a receita de uma calda com esterco de galinha/ou de gado, dos “melhores biofertilizantes!” que já usou no arroz: 5 litros de urina de vaca + boro + água + farinha de osso. Colocar tudo em um tonel ou bombona e deixar entre 14 a 30 dias. Depois, despejar na água da lavoura. “
- Ele maneja as ervas elevando e baixando o nível da água.
- Palhagem não é perda de tempo, é ganho de solo.

Novos grupos e novas feiras

O núcleo Santa Cruz do Sul – RS está trabalhando, desde o ano de 2003, na cidade de Cachoeira do Sul, distante a 110 quilômetros, no atendimento a 10 famílias de agricultores. “A assessoria do Capa teve início em 2004”, relata o engenheiro agrônomo e coordenador do núcleo Jaime Weber. Inicialmente, se fez um diagnóstico e, a partir daí, uma proposta de melhoria das propriedades. A produção estava baseada principalmente no leite, cana-de-açúcar e mandioca, em propriedades de cerca de 10 hectares. Somente uma

das famílias produzia arroz. “Dis- cutimos área de produção, melhoria de solo, diversificação dentro das propriedades e a perspectiva do beneficiamento de produtos”, diz Weber.

O grupo se denominou Terra Viva. No segundo semestre de 2004, deu início à 1ª Feira Agroecológica de Cachoeira do Sul, realizada uma vez por semana. Além do retorno financeiro, que aconteceu em seguida, a diversificação da propriedade resultou em uma melhor alimentação das famílias e economia na compra de produtos. “Eles pas-

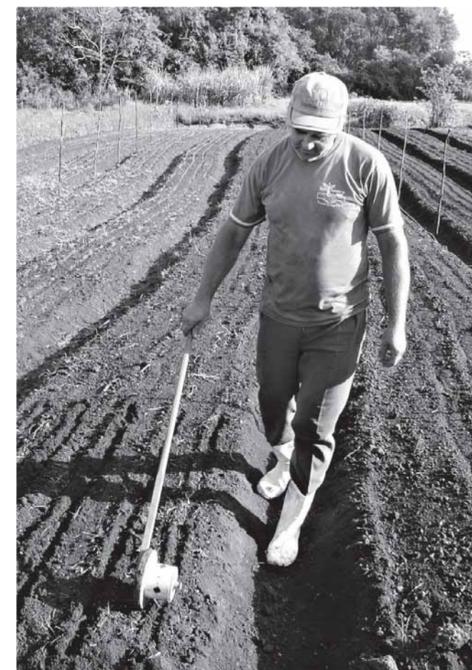
saram a ter mais autonomia”, avalia Weber. “Antes da existência da feira, eu nunca tinha dinheiro. Agora, sempre tenho algo. Quando quero comprar minhas coisinhas, eu vou e compro”, disse a produtora Maria Teresa Alves da Silva.

Atualmente, o grupo produz leite, verduras, frutas, melado e rapadura, bolachas e pães. “É muito gratificante ver que as mulheres do grupo Terra Viva acabaram se envolvendo mais na produção e transformação de produtos e participam ativamente da comercialização dos

produtos na feira”, avaliou Weber. “Elas também criaram um horto de plantas medicinais, num terreno cedido pela comunidade católica.”

O passo seguinte do Capa em Cachoeira foi a comunidade de Piquiri, que concentra um grande número de famílias muito pobres. “A maioria são famílias de agricultores que perderam suas terras ou parte de suas terras, tendo que buscar trabalhos em outras propriedades – ou por que estavam endividados ou por que eram muito pequenas para produzir”.

Equipamentos facilitam a vida do produtor



A sementeira

Feita de pvc e madeira, tem a parte de pvc toda furada. Por ali vão sair as sementes. “Dá para fazer furos de tamanhos diferentes para sementes diferentes”, esclarece Darci. “Eu uso a sementeira para semear várias hortaliças e não apenas cenoura.” Além disso, como no verão é preciso jogar mais sementes, o número de furos deve ser maior. “Para semear no inverno, eu fecho alguns furos com fita isolante.”

“Além de agilizar o trabalho, outra grande vantagem da sementeira é a uniformidade da sementeira”, confirma. Para semear quatro canteiros (45mx4), Darci gasta atualmente 1 hora. “Antes, eu levava pelo menos um dia e meio.”

Que as hortaliças dão retorno financeiro, Darci Cassol já comprovou – “todo o mês entra um dinheirinho!”, alegre-se. Produtor ecológico há cerca de dois anos, começou a produzir sem acreditar muito. Hoje, é um dos sócios fundadores da Associação de Produtores Agroecológicos de Verê – Apave, no Paraná. A cenoura é uma das hortaliças produzidas por Darci. Para agilizar a produção e facilitar a vida, ele está usando equipamentos montados pelo Capa: veja aqui a sementeira e o lavador de cenouras.



O lavador

Seu Daniel Abati, que mora em Saltinho - SC, está passando pelo processo de conversão para ecologia. Conquistado pelo engenheiro agrônomo Ivo Macgnan, produz cenouras para o Fome Zero. “Fiquei sabendo do lavador de cenouras e fui buscar um em Verê para a minha propriedade”.

Darci Cassol, que já usa o equipamento há tempos, recomenda: “Meu tempo de trabalho diminuiu muito. Em 15 minutos, eu lavo 50 quilos de cenouras. E elas ficam mais limpas do que se eu lavasse na mão e na esponja!”, exclama. “Antes, para fazer a mesma coisa, eu levava três horas.” O mesmo lavador de cenouras pode ser usado para outras hortaliças, como beterrabas, rabanetes, pepinos etc.



Valdir Luchmann, técnico do núcleo Verê, pode repassar mais informações sobre os equipamentos, através do email capa-ver@capa.org.br ou pelo fone 49 535-1119.

Viveiro comunitário é vantajoso

Além de cuidar da produção própria, o casal Otilo Nestor e Vilma Schmidt é responsável pela manutenção de um viveiro comunitário, ligado à Associação Central dos Produtores Rurais Ecológicos – Acempre, em Marechal Cândido Rondon – PR. As mudas de hortaliças como repolho, beterraba, tomate, couve-flor, brócolis, pimentão e algumas frutíferas, são produzidas numa estufa instalada com este propósito e atendem, atualmente, 36 produtores. “Estamos produzindo cerca de 170

bandejas ao mês”, diz Otilo.

As vantagens de um viveiro comunitário são inúmeras. A qualidade das mudas, por exemplo, pode ser melhor controlada. O planejamento de produção é realmente cumprido. “E o agricultor não precisa investir financeiramente nesse tipo de infra-estrutura e no tempo de produção, individualmente”, analisa Otilo. “Além disso, muitos não gostam de fazer muda.” Não é o caso de Vilma. O trabalho de criar mudas exige muita atenção e distrai a cabe-

ça. “Gosto muito”, confirma ela.

Em Verê – PR, os agricultores também optaram pela criação de um viveiro de mudas. O responsável é Francisco José Carniel, o Chico, contratado pela Associação de Produtores Agroecológicos de Verê – Apave para fazer o trabalho. “Antes era difícil acertar o planejamento da produção”, conta. “Muitos se comprometiam e não cumpriam, que resultava em problema.”

A partir da instalação do viveiro, aumentou muito a qualidade das

mudas. “Ter o viveiro fez toda a diferença, tanto em termos de cumprir o planejamento quanto de controlar a qualidade. Estamos atendendo a Apave e mais duas outras associações, em São Jorge e Tapejara”, relata Chico.

Outra vantagem do viveiro é que baixa o custo para o agricultor. As sementes, no geral, são caras e no mercado usual é preciso pagar na frente o que se compra. “Com o viveiro, cada um encomenda a quantidade de mudas que precisa e paga mais adiante, com a própria produção.”